

(DES)ALIENTAÇÃO DOS CORPOS DESVIANTES: A DIALÉTICA DA IN/EXCLUSÃO E SEUS DESDOBRAMENTOS NO CONTEXTO ESCOLAR

(DIS)ALIENATION OF THE DEVIANT BODIES: THE DIALECTIC OF IN/EXCLUSION AND ITS UNFOLDING IN THE SCHOOL CONTEXT

Vanessa Goes Denardi¹

Carolline Septimio Limeira²

Letícia Carneiro da Conceição³

RESUMO: Este estudo teórico analisa questões referentes à dialética da in/exclusão e seus desdobramentos no contexto escolar a partir da análise da obra *O Alienista*, de Machado de Assis. Com base nos conceitos de Foucault (2008; 2012; 2014) acerca da tecnologia política do corpo e materialidade do discurso nas relações de saber e poder, são esquadrihados os conceitos de in/exclusão, normalização e medicalização dos corpos para fins de enquadramento social. Optou-se por um *bricoleur* metodológico fazendo uso da obra machadiana para elucidar questões como desvio padrão, saber e poder, exclusão e enquadramento das deformidades do corpo, visto que o personagem principal do conto, Simão Bacamarte, buscava por meio de seus conhecimentos médicos detectar possíveis desvios de condutas sociais. Por fim, entendemos que mesmo diante da diversidade humana ainda persiste a tentativa de (des)alienação e a dialética da in/exclusão no espaço escolar, bem como a segregação de corpos considerados desviantes.

PALAVRAS-CHAVE: educação inclusiva; Machado de Assis; tecnologia política do corpo; in/exclusão.

¹ Mestra em Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina - Brasil. Doutoranda em Linguística na Universidade Federal de Santa Catarina - Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-3619-4444>. E-mail: goes_vanessa@hotmail.com.

² Doutora em Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina - Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-2669-3119>. E-mail: carolpedagoga@yahoo.com.br.

³ Mestra em Educação pela Universidade Federal do Pará - Brasil. Doutoranda em Educação na Universidade Federal do Pará - Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-3302-0089>. E-mail: carneiroleticia1@gmail.com.

ABSTRACT: This theoretical study analyzes issues related to the dialectics of in/exclusion and its unfolding in the school context from the analysis of the work *O Alienista*, by Machado de Assis. Based on the concepts of Foucault (2008, 2012, 2014) on the political technology of the body and materiality of discourse through the relations of knowledge and power, the concepts of in/exclusion, normalization and medicalization of bodies for purposes are scanned and highlighted of social framework. In the middle of prescriptions against any and all social malaise, in this work we chose a methodological *bricoleur*, that is, the methodology of cross-linking of ideas and concepts making use of Machado's work to elucidate issues such as standard deviation, knowledge and power, exclusion and framing of the deformities of the body, since the main character of the short story, Simão Bacamarte, sought through his medical knowledge to detect possible deviations from social conduct, establishing an attempt for himself and others to conquer bodies potentially constituted of elements capable of guaranteeing the fullness of society. Finally, we understand that even in the face of human diversity there is still an attempt to (de)alienation and the dialectic of in/exclusion in the school space, as well as the segregation of bodies considered deviant.

KEYWORDS: inclusive education; Machado de Assis; political body technology; in/exclusion.

1 UMA TEORIA NOVA? - INTRODUZINDO ANTIGOS CONCEITOS E PRÁTICAS

As tecnologias de melhoramento genético despertam uma importante questão: “será que deveríamos dedicar nossa proficiência tecnológica para curar doenças e ajudar as pessoas a recuperarem a saúde ou será que também deveríamos nos melhorar reconstruindo nossos corpos e nossas mentes?” (SANDEL, 2013, p. 28).

Sabemos que o homem-padrão, sadio física e psiquicamente, representa a tentativa de se estabelecer a fôrma e a forma ideal de ser humano. O homem inserido em um círculo e um quadrado, ao mesmo tempo, reflete a perfeição matemática do corpo humano na representação de Da Vinci para o escrito de Luca Pacioli “*De Divina Proportione*”, como elucidada Duarte e Cohen (2003, p. 2) “seu corpo possui proporções estudadas desde a Grécia antiga e tomadas como medida-padrão para a própria dimensão arquitetônica.”.

A história nos mostra que a humanidade tem alinhado práticas com o objetivo de uma desejada padronização, seja nos espaços, modos de falar, pensar e fazer. Estudioso incansável de tais práticas, Michel Foucault nos apresenta o conceito de *norma* e também o processo de *normalização*. Analisando as contribuições foucaultianas para a educação, Veiga-Neto (2011,

p. 74) ressalta que a norma “se aplica tanto ao corpo a ser disciplinado quanto à população que se quer regulamentar; ela efetua a relação entre ambos, a partir deles mesmos, sem qualquer exterioridade, sem apelar para algo que seja externo ao corpo e à população em que está esse corpo.”. Assim, a norma

[...] é o elemento que, ao mesmo tempo em que individualiza, remete ao conjunto dos indivíduos; por isso, ela permite a comparação entre os indivíduos (...) E, ao se fazer isso, chama-se de anormal aqueles cuja diferença em relação à maioria se convencionou ser excessivo, insuportável. Tal diferença passa a ser considerada um desvio, isso é, algo indesejável porque *des-via*, tira do rumo, leva à perdição (VEIGA-NETO, 2011, p. 75).

Nesse processo de normalização, que envolve mecanismos disciplinares (que atuam sobre o corpo) e mecanismos regulamentadores (que atuam sobre a população), muitos *anormais* têm sido alijados, pois não se enquadram nas tentativas de homogeneização de sujeitos e da população.

A referência teórica na obra do filósofo francês Michel Foucault embasa a decisão de investigar os paradoxos da segregação dos comportamentos desviantes e das condutas desaprovadas socialmente - ou da in/exclusão, para usar um termo mais sintonizado com a frequência do autor. É importante destacar que grafar in/exclusão aponta para o fato de que as atuais formas de inclusão e de exclusão caracterizam um modo contemporâneo de operação que não opõe a inclusão à exclusão, mas as articulam de tal forma que uma só opera na relação com a outra e por meio do sujeito, de sua subjetividade (VEIGA-NETO; LOPES, 2011). Como ressalta Lopes (2007, p. 1), “abordar o tema da inclusão exige que, de muitas formas, seja abordado o tema da exclusão.”

Em *Vigiar e Punir* (2012), *História da Loucura* (2008) e *A ordem do discurso* (2014), Foucault aborda a metamorfose do conceito de loucura no decorrer da história, bem como a ideia de poder punitivo àqueles que se comportam de modo desviante. Discutimos a supressão por meio da privação

da liberdade, enquanto modo de exclusão e tentativa de recuperação médica, como ocorre aos moradores da cidade em que o médico Simão reside e atesta a necessidade de internação, no conto de Machado de Assis (1992).

A obra machadiana é também vastamente analisada. No caso específico de *O Alienista*, a abordagem a partir das conceituações de Foucault foi explorada em diversos aspectos, em uma espécie de *bricoleur* metodológico⁴. Azevedo (2009) e Teófilo (2013) estabelecem interfaces do direito e da literatura, ressaltando componentes jurídicos da concepção de loucura. Moreira e Berlinck (2003), sob viés da psicopatologia, analisam a ironia do personagem de Bacamarte como expressão literária da mania de saber. No universo das ciências sociais, Corbanezi (2006, 2009) delinea possibilidades interpretativas da obra a partir da análise histórico-filosófica da loucura e do seu silenciamento por meio do confinamento e da sujeição do louco; Gomes (1993) identifica no conto as concepções científicas do século XIX, particularmente o Positivismo; Lima (2011) analisa a construção de identidade do louco, relacionando o conto com a pesquisa historiográfica sobre a sociedade e a ciência do século XIX. Na área de letras e literatura estão o maior quantitativo dos estudos sobre *O Alienista* em perspectivas foucaultianas, especialmente na análise do binômio saber/poder: Cunha (2011) explora a articulação entre ciência, linguagem e poder; Hidalgo (2008) estuda a busca da verdade da loucura no contexto de domínio da verdade científica; Melo Júnior (2016) analisa as relações do poder com os discursos científicos; Perrot (2000), estabelece relações entre loucura, realidade e ficção; Miranda (2009) aborda representações da loucura e relações de poder; Menezes (2010) elenca as concepções de loucura presentes na obra.

⁴ A *bricoleur* (bricolagem) é considerada, por alguns autores, uma metodologia mais aberta, flexível e criativa de realizar o entrecruzamento de fontes/documentos na pesquisa científica, tendo como base o rigor e a multirreferencialidade. Para saber mais sobre a abordagem multirreferencial, ver: ARDOINO, Jacques. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves (Org.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: EdUFSCar, 1998.

Mesmo com a multiplicidade de análises do conto em questão a partir das conceituações foucaultianas, percebemos a lacuna do campo temático da educação, ainda mais acentuada na seara da educação inclusiva.

Sabemos que o conceito da deficiência foi se delineando historicamente, tomando relevância política. Desse modo, a autoridade biomédica se viu contestada pelo modelo social da deficiência, o qual compreende a deficiência enquanto experiência do corpo com impedimentos associados a um ambiente com barreiras à participação desse sujeito na sociedade. Isso significa que o corpo com limitação pode não sofrer a opressão, dependendo da estrutura social concebida por meio da cultura da normalidade e das barreiras sociais encontradas. O nó górdio do deslocamento do modelo médico para o social foi o silenciamento do corpo com limitação, o hiato entre a deficiência, como essencialmente medicalizada, para a deficiência sem um corpo, sem dor, sem fragilidades (SEPTIMIO, 2014, p. 108).

Em contraponto a essa chamada “cultura da normalidade”, é possível verificar no livro *Elogio da Loucura*, de Erasmo de Rotterdam, que a vida só é possível por meio da loucura:

E no entanto, vo-lo garante a Loucura em pessoa, alguém é tanto mais feliz quanto mais multiforme é a sua demência, desde que se mantenha dentro do gênero que me é peculiar: um gênero tão difundido que não sei se entre os homens se pode encontrar um só que seja sempre sábio e completamente imune a qualquer forma de demência. (ROTTERDAM, 2012, p. 55).

A demência para Rotterdam (2012) não é motivo para recuperação, medicalização ou internação, mas sim, elemento-chave para a manutenção da sociedade. O que para muitos é considerado sabedoria, pode ser visto como a própria loucura a se manifestar nos comportamentos sociais. A patologização da loucura é um fenômeno relativamente recente no Ocidente, como demonstra Foucault (2008). No Classicismo, loucura e razão estão em movimento de

referência recíproca, de recusa, mas também de fundamentação, já que uma só pode ser compreendida em relação à outra, da qual é a própria medida

[...] a loucura torna-se uma forma relativa à razão ou, melhor, loucura e razão entram numa relação eternamente reversível que faz com que toda loucura tenha sua razão que a julga e controla, e toda razão sua loucura na qual ela encontra sua verdade irrisória (FOUCAULT, 2008, p. 35).

A loucura passa a ter sentido no próprio campo da razão, como uma de suas formas: “É apenas na noite da loucura que a luz é possível, luz que desaparece quando se apaga a sombra que ela dissipa.” (FOUCAULT, 2008, p. 574). Como nos lembra Veiga-Neto (2011, p. 75), o anormal, para Foucault, “está na norma, está ao abrigo da norma, ainda que seja tomado como um oposto ao normal” e “para todos, o guarda-chuva normativo é o mesmo”. A razão, assim, designa a loucura como um momento essencial de sua própria natureza,

[...] é que agora a verdade da loucura faz uma só e mesma coisa com a vitória da razão e seu definitivo domínio, pois a verdade da loucura é ser interior à razão, ser uma de suas figuras, uma força e como que uma necessidade momentânea a fim de melhor certificar-se de si mesma (FOUCAULT, 2008, p. 48).

A modernidade, no entanto, vai tentar delimitar - inclusive fisicamente - as fronteiras entre razão e loucura - ou noite e dia, luz e escuridão.

Se a loucura para o mundo moderno tem um sentido diferente daquele que a faz ser noite diante do dia da verdade; se, na parte mais secreta da linguagem que ela tem, o que está em jogo é a verdade do homem, uma verdade que lhe é anterior, que a constitui mas que pode suprimi-la, esta verdade só se abre ao homem no desastre da loucura, e escapa-lhe desde os primeiros momentos da reconciliação (FOUCAULT, 2008, p. 574).

A partir da metade do século XVII “a loucura esteve ligada a essa terra de internamentos, e ao gesto que lhe designava essa terra como seu local natural” (FOUCAULT, 2008, p. 55). Os loucos serão, então, expatriados do convívio social e exilados em instituições de sequestro. Será o “internamento dos alienados”:

Trata-se de recolher, alojar, alimentar aqueles que se apresentam de espontânea vontade, ou aqueles que para lá são encaminhados pela autoridade real ou judiciária. É preciso também zelar pela subsistência, pela boa conduta e pela ordem geral daqueles que não puderam encontrar seu lugar ali, mas que poderiam ou mereciam ali estar (FOUCAULT, 2008, p. 56).

No conto machadiano, o protagonista Simão Bacamarte é o próprio “alienista” que retira do convívio social todos os corpos desviantes e os confina na Casa Verde. Essa tentativa de normatizar os corpos deformados e o poder disciplinar que regula o “saber” do corpo e seu controle num jogo de instituições e aparelhos numa microfísica do poder (FOUCAULT, 2012) é o que move esta escrita de cunho científico-literário que tomou como base o conto de *O Alienista* (1992) de Machado de Assis.

Nesse sentido, com base na obra machadiana, buscou-se elucidar questões referentes à tecnologia política do corpo (FOUCAULT, 2012; 2014) e da materialidade do discurso por meio das relações de saber e poder, esquadrinhando e destacando os conceitos de exclusão, normalização e medicalização dos corpos para fins de enquadramento social. A partir da compreensão da produção de discursos pelo contexto e da produção de saberes ligados ao poder, parte-se da compreensão de corpo político

[...] como o conjunto de elementos materiais e das técnicas que servem de armas, de reforço, de vias de comunicação e de pontos de apoio para as relações de poder e saber que investem os corpos humanos e os submetem fazendo deles objetos de saber (FOUCAULT, 2012, p.31).

Assim, este artigo visa contribuir para o aprofundamento do debate em torno da segregação do indivíduo, sua in/exclusão e enquadramento das deformidades humanas e da tentativa sempre presente da medicalização dos corpos indolentes, desviantes, improdutivos, desajustados, estranhos. Discute-se, numa análise foucaultiana acerca da in/exclusão e enquadramento social de corpos condenados, a supressão por meio da privação da liberdade através da necessidade de internação, como ocorre com os diversos moradores da cidade de Itaguaí, em *O Alienista*.

2 TORRENTES DE LOUCOS: SOBRE O PODER E A LOUCURA EM “O ALIENISTA” E NO CONTEXTO ESCOLAR

Ao analisar *O Alienista*, a partir de suas diversas perspectivas, a loucura diagnosticada pelo personagem principal, Simão Bacamarte, tem um papel primordial e, por assim dizer, decisivo ao formar um filtro cognoscitivo utilizado por ele na criação e organização de sua realidade. Dr. Bacamarte era um médico (re)conhecido nacional e internacionalmente e que, após um período de estudos em Portugal, retornou ao Brasil e fixou residência na cidade de Itaguaí, onde casou-se com Dona Evarista, mulher que, segundo ele, “reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeriria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes.” (ASSIS, 1992, p. 9).

Dona Evarista estava apta, mas essa conclusão não partia de uma pessoa qualquer, e sim, de uma autoridade médica, seu próprio marido. Durante todo o romance, Dr. Bacamarte tem a “batuta” nas mãos, o poder produzido pelo seu saber científico, segundo o qual tinha condições plenas de separar o que é comum e incomum, o normal e o desviante, o corpo condenado e o corpo absolvido.

Como tinha verdadeiro amor pela ciência e acreditava que a saúde da alma era a ocupação mais digna de um médico, Simão Bacamarte dedicou-se ao tratamento de pessoas que tinham alguma demência. Pediu licença à Câmara Municipal para montar a “Casa Verde”, local onde internaria seus pacientes cobrando certa quantia das famílias que ali quisessem deixar seus entes “deficientes”.

O médico queria revolucionar o modo como os ditos loucos eram tratados, ou melhor, não tratados, pois ficavam presos em casa sem poder desfrutar do benefício da vida, sem esperança de melhora ou cura. Na Casa Verde, os pacientes poderiam ser, além de controlados, úteis nas pesquisas do Dr. Bacamarte sobre os males da alma. O corpo, para Bacamarte, se faz duplamente necessário, tanto produtivo, para fins de pesquisa e investigação, quanto corpo submisso ao tratamento médico. Nesse sentido, Foucault (2012, p. 28) salienta que “o corpo está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais.”.

Com a licença em mãos, o médico pôs-se a planejar o asilo que localizar-se-ia “na Rua Nova, a mais bela rua de Itaguaí naquele tempo, tinha cinquenta janelas por lado, um pátio no centro, e numerosos cubículos para os hóspedes.” (ASSIS, 1992, p. 11). A casa, que contava com uma frase do Alcorão na fachada, tinha suas janelas verdes, cor essa que deu nome à moradia e que nos causa certa estranheza, já que o tom nos remete à liberdade e esperança, sentimentos bastante contraditórios à função da casa de orates.

Inaugurada, a Casa Verde valeu-se da presença dos cidadãos da cidade e das povoações mais próximas durante sete dias de festas públicas, tendo como papel principal, segundo o Dr. Bacamarte, “estudar profundamente a loucura,

os seus diversos graus, classificar-lhe os casos, descobrir enfim a causa do fenômeno e o remédio universal.” (ASSIS, 1992, p. 12).

A Casa Verde reflete a estrutura necessária para abrigar os desajustados por meio de alternativas de recuperação e isolamento, numa lógica medicalizante e de cerceamento do convívio social. A construção da Casa remete-nos àquilo que Foucault denomina de materialidade do discurso. Para Foucault (2014) a produção do discurso não é abstrata, mas cercada de materialidade, seja pelos modos de ser, pensar e fazer, pela fala, fotografia, arquitetura, entre outras formas de apropriação do poder.

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certos números de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2014, p. 08-09).

A procura pelo espaço tornou-se intensa e foi necessária a construção de mais trinta e sete leitos em menos de quatro meses. Eram “loucos” de todas as partes e todos os males, desde os por amor até os que falavam sozinhos e faziam discursos acadêmicos rebuscados, do boiadeiro ao escrivão.

A presença da igreja, bastante considerável na época, era marcada pelo Padre Lopes, que visitava a casa com frequência tentando encontrar uma explicação divina para tais fenômenos com o consentimento do Dr. Bacamarte, que tinha temor do vigário. Os doentes eram classificados, inicialmente, em duas seções, os furiosos e os mansos, partindo, posteriormente, para as subseções, como os delírios e alucinações. Os pacientes eram diariamente acompanhados por Simão Bacamarte, em um estudo árduo e contínuo, pois

[...] analisava os hábitos de cada louco, as horas de acesso, as aversões, as simpatias, as palavras, os gestos, as tendências; inquiria

da vida dos enfermos, profissão, costumes, circunstâncias da revelação mórbida, acidentes da infância e da mocidade, doenças de outra espécie, antecedentes na família, uma devassa, enfim, como a não faria o mais atilado corregedor. E cada dia notava uma observação nova, uma descoberta interessante, um fenômeno extraordinário (ASSIS, 1992, p. 14).

O médico passava dias e noites em função de descobrir a razão das enfermidades dos pacientes, doando-se inteiramente ao trabalho. Dona Evarista, muito triste pela falta do marido, começou a adoecer e a sentir-se a mais infeliz das mulheres. Para acalmá-la a alma, Dr. Bacamarte enviou-a para o Rio de Janeiro, cidade que a esposa sonhava em conhecer. Sem outras prioridades, o médico continuava suas pesquisas e passava horas nas ruas conversando com a população e observando suas falas, chegando, assim, a uma nova teoria, a de que “a razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora daí insânia, insânia e só insânia” (ASSIS, 1992, p. 18).

Outro princípio pelo qual a sociedade opera a exclusão, como escreve Foucault (2014), além da interdição das palavras, é por meio da separação e da rejeição de pessoas. “Desde a Idade Média, o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros (...) não podendo testemunhar na justiça, não podendo autenticar um contrato”, entretanto, essa condição não lhe furta de “enxergar com toda ingenuidade aquilo que a sabedoria dos outros não pode perceber” (FOUCAULT, 2014, p.10-11).

Nosso personagem em questão, Simão Bacamarte, no gozo de suas faculdades mentais e sabedoria, começou a enxergar nos mais diversos cidadãos a loucura. Houve o Costa, que emprestara todo o dinheiro que havia recebido como herança e logo foi recolhido à Casa Verde, assim como sua prima que por ele foi interceder junto ao médico e também acabou isolada; Mateus, o albardeiro, que por contemplar demasiadamente a casa que construía também foi condenado.

Numa ilha, cercada de doentes para todos os lados, a Casa Verde mantinha-se cumprindo sua função de isolamento, de privação de liberdade tal qual uma prisão, de modo semelhante ao que explica Foucault (2012, p.18) “Quase sem tocar o corpo, a guilhotina suprime a vida, tal como a prisão suprime a liberdade, ou uma multa tira os bens”. A exclusão, mesmo sem aprisionar o corpo, cerceia a vida uma vez que embute o desejo do isolamento, do controle do indivíduo, sua modificação e neutralização de suas características desviantes.

Essa tecnologia política do corpo inscreve-se socialmente como a capacidade de controle obtida com ou sem violência, no entanto, permanentemente de ordem física, ou seja, para Foucault (2012, p. 29), é possível haver “um ‘saber’ do corpo que não é exatamente a ciência de seu funcionamento, e um controle de suas forças que é mais que a capacidade de vencê-las: esse saber e esse controle constituem o que se poderia chamar a tecnologia política do corpo.”.

A submissão aqui insere-se não apenas pela força, mas em razão de diversos instrumentos, como o conhecimento científico, o saber institucionalizado, o discurso subjetivado. Nesse contexto, Dona Evarista retornou do Rio de Janeiro e foi vista como a esperança da cidade, já que seu marido estava a flagelar a população de Itaguaí. No jantar de recepção da ilustre dama, um rapaz muito jovem, chamado Martim Brito, a fez milhares de elogios, causando espanto nos convidados, menos em Simão Bacamarte que pensou o garoto ter uma séria lesão cerebral digna de estudo. Passados três dias, o garoto foi recolhido à casa de orates. O terror acentuou-se. “Não se sabia já quem estava são, nem quem estava doido. As mulheres, quando os maridos saíam, mandavam acender uma lamparina a Nossa Senhora.” (ASSIS, 1992, p. 26).

José Borges do Couto Leme, Chico das Cambraias, escrivão Fabrício, Gil Bernardes, Coelho, e tantos outros moradores da cidade foram recolhidos à

Casa Verde. Assim, ao tratar da patologização das diferenças humanas e seus desdobramentos, seguiu-se a lógica medicalizante e patologizante, acreditando que conhecendo as causas tinha-se a chave do sucesso e o domínio das diferentes “anormalidades”.

A população da cidade, que já estava a nutrir imenso ódio pelo Dr. Bacamarte, resolveu rebelar-se e pedir junto à Câmara Municipal que colocasse um fim no asilo e nos feitos do psiquiatra. A rebelião ganhou dezenas de adeptos, ficando conhecida como a “Revolta dos Canjicas”. Houve duelo entre a força pública e os manifestantes, resultando onze mortos e vinte e cinco feridos. Ao final, os canjicas, liderados pelo barbeiro Porfírio Neves, venceram a batalha e tiveram em seu líder o novo governo. Gestão que durou poucos dias, pois após expedir decretos contra a Casa Verde e Dr. Bacamarte e ser difamado por um conterrâneo, Porfírio caiu e João Pina, colega de Bacamarte, assumiu o cargo.

Daí em diante foi uma coleta desenfreada. Um homem não podia dar nascença ou curso à mais simples mentira do mundo, ainda daquelas que aproveitam ao inventor ou divulgador, que não fosse logo metido na Casa Verde. Tudo era loucura. Os cultores de enigmas, os fabricantes de charadas, de anagramas, os maldizentes, os curiosos da vida alheia, os que põem todo o seu cuidado na tafularia, um ou outro almotacé enfunado, ninguém escapava aos emissários do alienista (ASSIS, 1992, p. 38).

Simão Bacamarte já não via normalidade em mais ninguém, nem na própria esposa, que fora recolhida por sua indecisão entre uma joia e outra para compor o traje do baile da Câmara Municipal. Dia após dia mais pessoas eram “capturadas” e o Dr. Bacamarte ficava cada vez mais imbuído do espírito científico da cura.

Os excluídos não tinham voz, pois suas palavras não tinham poder. Para Foucault (2014), dentre os procedimentos de exclusão está a interdição, o veto, a vedação, a qual pode ocorrer por tabu do objeto discutido, pelo ritual que as

circunstâncias muitas vezes impõem ou pelo direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala. O psiquiatra possuía o aval acadêmico e reconhecimento social. Seu discurso tinha força, pois “sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 2014, p. 9).

Bacamarte e seus procedimentos em Itaguaí remetem à análise foucaultiana dos modelos de gestão individual e coletiva nas contingências de lepra e peste - fechamento e esquadrinamento, respectivamente - e o modelo de vigilância centralizada do Panopticon, exemplos de dispositivos disciplinares. A Casa Verde, como instituição de confinamento e sequestro, também é local de vigilância e punição: os “alienados” também serão examinados.

Passados pouco mais de cinco meses de trabalho árduo, a Casa Verde encontrava-se vazia. Todos estavam curados, o que causou estranha comoção ao médico, pois viu-se aflito ao perceber que, talvez, todos os loucos e desorganizados que, pela casa passaram, eram normais, e ele, que possuía o perfeito equilíbrio mental e moral, e era agraciado pela sagacidade, paciência, perseverança e tolerância, reunia todas as qualidades de um acabado mentecapto.

Chegada a essa frustrada conclusão ao ver que suas investidas foram fracassadas, Simão Bacamarte resolveu recolher-se à Casa Verde acusando-se de ser ele mesmo o desvio padrão, o corpo desregrado, o louco. Fechada a porta, “entregou-se ao estudo e à cura de si mesmo. Dizem os cronistas que ele morreu dali a dezessete meses, no mesmo estado em que entrou, sem ter podido alcançar nada” (ASSIS, 1992, p. 48).

Aparelhos e instituições, dotados de uma microfísica do poder (FOUCAULT, 2012), estabelecem seu campo de validade no qual são estabelecidos os próprios corpos com sua materialidade e força. Dessa forma,

Dr. Bacamarte opera pela produção de seu próprio discurso, nas amarras do poder por ele produzido, condenado pelo corpo à reclusão social.

Ao trazemos essa discussão para o âmbito escolar, verificamos que, tal qual o Dr. Simão Bacamarte, com sua ânsia de alinhar as práticas a uma desejada padronização, a escola ainda hoje produz um espaço em que muitos têm sido excluídos, pois não se enquadram nas tentativas de uniformização de pessoas (SEPTIMIO, 2019) e/ou tampouco têm suas diferenças percebidas/consideradas.

É certo que o debate sobre os “diferentes” e a sua inclusão social estremece os saberes e as práticas institucionais e movimenta as bases tradicionais das instituições de ensino, já que o aluno com deficiência representa um corpo menos submisso para cumprir um esquema disciplinar. E é nesse contexto que, muitas vezes, pode-se detectar uma percepção negativa do poder, não com relação à exclusão, à marginalização ou à repressão do estudante com deficiência, mas ligada à inclusão pautada no desconhecimento sobre àquele que se pretende incluir, ou seja, a invisibilização ou negação da deficiência que não rechaça o corpo social, porém oculta-o em meio aos “normais”; assim como uma percepção positiva do poder, isto é, uma inclusão baseada em observação e vigilância constantes, fixando-se aqui o poder da normalização, um projeto de intervenção, assim como acontecia a Casa Verde.

Vemos, portanto, que o campo educacional, atravessado por sistemas de poder e saber, não escapa da reprodução (ou não) deliberada de práticas negativas e positivas de saber/poder, isso porque a escola nasceu de um aparato disciplinar, de “domesticação”. Contudo, ao longo do tempo, percebeu-se que ela não deveria ser espaço de encarceramento, mas sim de experiências pedagógicas que permitem aos sujeitos desenvolver seu potencial e intelecto de forma emancipada, inclusive os estudantes com deficiência. Destarte, sabemos

que essa concepção ainda não foi plenamente alcançada, seja pela desimportância, seja pelo desconhecimento.

O reconhecimento da deficiência traz consigo diversos questionamentos e incertezas, para os quais a escola e, principalmente, os professores não encontram respostas, revelando que ainda há muito por saber e, sobretudo, muito a duvidar (SEPTIMIO, 2019). É por esse desconhecimento que a escola precisa se diferenciar da Casa Verde – a qual tinha por finalidade buscar a “verdade” por meio de formulações/certezas teórico-práticas para um perfeito equilíbrio e uma nova doutrina de homogeneização –, pois ela é lugar de sujeitos de possibilidades e constroi os seus saberes pela prática social.

Assim, em consonância com Septimio (2019, p. 20), no contexto escolar “não cabe falar em manuais, fórmulas e exemplos a serem seguidos; não cabe falar em homem-padrão, em homogeneidade”. Não cabe o aprisionamento da Casa Verde, tampouco o ideal sonhado por Bacamarte. Cabe a presença marcada pela complexidade das relações de sujeitos “diferentes”, pela emancipação e pela verdadeira inclusão, a qual, segundo Rodrigues (2006), não deve ser invocada em vão, mas sim ter sua distância mapeada entre os discursos e as práticas.

3 PLUS ULTRA! - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao investigar o personagem do livro, Dr. Bacamarte, observou-se o esforço do médico para encontrar a normalidade e o perfeito equilíbrio mental nas pessoas que habitavam a cidade e a tentativa de domínio do corpo político por meio da internação de seus pacientes. No processo de normalização, o desvio acabou se tornando mais recorrente que o pretense padrão balizador de condutas. Bacamarte é, ele próprio, o “alienista” das vidas dos moradores de Itaguaí. Sua Casa Verde é a instituição de sequestro que aliena e produz exclusão social, subtraindo corpos desviantes do convívio.

Entendendo o corpo numa dimensão política, buscou-se uma abordagem das relações de poder que o marcam e o sujeitam à condenação ou absolvição, de um corpo que para Foucault só se torna útil se for ao mesmo tempo produtivo e submisso. É sobre esse saber do corpo e suas relações sempre tensas, sua materialidade e capacidade, seus interesses e contradições, um corpo político submisso às demandas sociais e ao fenômeno da medicalização que nos vigia, adverte e impõe, sobre esse híbrido dedicamos essa investigação teórica.

Portanto, sabendo que os processos de subjetivação estão representados em nossas práticas cotidianas e que os saberes nos atravessam e nos constituem historicamente, a materialidade é representada também no discurso. Logo, é a partir dessa base conceitual que a obra de Machado de Assis é compreendida e analisada através dos saberes dos corpos condenados.

No campo educacional, os corpos condenados já foram fisicamente separados em processos de escolarização e institucionalização da segregação. O atual modelo de educação inclusiva impôs uma convivência social e, com ela, novos sujeitos e novos processos de subjetivação. Ressaltamos aqui não só os corpos desviantes dos alunos incluídos, mas também os sujeitos – colegas de turma, professores, gestor(a) e pedagogos(as) – atravessados por essa presença materializada na escola através da inclusão.

A inclusão de corpos desviantes, sujeitos “alienados” do espaço escolar desaloja saberes e práticas, bagunça esconderijos e rotas de fugas. Rodrigues (2006, p. 317) nos lembra que a educação inclusiva move e “questiona alguns dos fundamentos e das práticas mais arraigadas da escola tradicional: o caráter seletivo da escola, a homogeneidade dos seus métodos de ensino e ainda o fato de não ser sensível ao que os alunos são e querem”. O desconforto, nesse caso, pode indicar a necessária implosão de uma zona de conforto que - tal qual o esvaziamento da Casa Verde e dos procedimentos de internação e exclusão dos

“loucos” - indica uma mudança no sentido da potência, de novas concepções e ações que vão responder a novas demandas, de um novo caos que será o princípio de novas gêneses.

Alienação e exclusão social dos corpos desviantes já foram práticas educativas, institucionalizadas, normatizadas e naturalizadas por décadas. Os novos processos de (des)alienação dos corpos desviantes na cultura escolar impuseram ações e reflexões necessárias, geraram novas tensões e subjetivações. A demanda por uma formação pedagógica que atenda às novas necessidades desta escola que incorporou as “casas verdes” sociais, certamente é a pequena ponta visível de uma demanda muito maior. O que falta é possivelmente formação ética para lidarmos com nossas próprias limitações, contradições e singularidades desviantes. Assim talvez consigamos lidar, conseqüentemente, com a dos outros. Assim talvez consigamos nos abrir às novas possibilidades de tornar-se presença frente às diferenças.

Pode-se compreender pelos diálogos com os professores que à medida que muda-se a linguagem, o modo de ver e nomear as relações com este outro, a necessidade da palavra inclusão passa a ser redundante, pois tornarmos presença requer relação responsiva e responsável de cuidado consigo e com este outro (VIEIRA-MACHADO; LOPES, 2015, p. 15).

Quando a convivência social conseguir superar as barreiras que obstaculizam acessos e permanências, o imperativo da inclusão pode tornar-se, de fato, redundante. Que possamos permitir, então, novas linguagens, novos modos de ver e nomear relações com o outro. Que possamos (des)alienar - e nos (des)alienar.

ARDOINO, Jacques. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves (Org.). *Multirreferencialidade nas ciências e na educação*. São Carlos: EdUFSCar, 1998.

ASSIS, Machado de. *O alienista*: texto integral. 22. ed. São Paulo: Ática, 1992.

AZEVEDO, Elaine Fasollo. *Michel Foucault e "O Alienista" de Machado de Assis*. 2009. 52f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2009. Disponível: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/14286/14286.PDF>. Acessado em 10/11/2020.

CORBANEZI, Elton Rogério. *A episteme (des)silenciadora da loucura*. 2006. 149f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências - UNESP/campus de Marília, 2006. Disponível: http://www.observatoriodeseguranca.org/files/monografia_pdf.pdf. Acessado em 10/11/2020.

CORBANEZI, Elton Rogério. *Sobre a razão do Mesmo que enuncia a não-razão do Outro: Às voltas com a História da Loucura e O Alienista*. 2009. 239f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2009. Disponível: [http://www.repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/278737/1/Corbanezi EltonRogerio M.pdf](http://www.repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/278737/1/Corbanezi%20EltonRogerio%20M.pdf). Acessado em 10/11/2020.

CUNHA, Luciana. *O Alienista: loucura, ciência, linguagem e poder em uma análise pós-estruturalista*. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estácio de Sá, 2011.

DUARTE, Cristiane Rose de Siqueira; COHEN, Regina. O Ensino da Arquitetura Inclusiva como Ferramenta para a Melhoria da Qualidade de Vida para Todos. In: *PROJETAR*, 2003. (Org.). *Projetar: Desafios e Conquistas da Pesquisa e do Ensino de Projeto*. Rio de Janeiro: Virtual Científica, 2003, p. 159-173.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura*. 8 ed. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Tradução de Raquel Ramalheite. Petrópolis: Vozes, 2012.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 24 ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2014.

GOMES, Roberto. O alienista: loucura, poder e ciência. *Tempo Social: Rev. Sociol.* São Paulo, 5 (1-2): 145-160, 1993. Disponível: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/84953/87681>. Acessado em 10/11/2020.

HIDALGO, Luciana. Machado de Assis, Lima Barreto e a 'verdade' da loucura. *Matraga*. Rio de Janeiro, v. 15, p. 140-154, 2008. Disponível: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/download/27891/19965>. Acessado em: 10/11/2020.

LIMA, Márcio José Silva. História da loucura na obra “o alienista” de Machado de Assis: discurso, identidades e exclusão no século XIX. *CAOS: Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, v. 1, p. 141-153, 2011. Disponível: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/caos/article/view/47062/28138>. Acessado em 10/11/2020.

LOPES, Maura Corcini. (Im)possibilidades de pensar a inclusão. In: 30ª Reunião anual da ANPED, 2007, Caxambú/MG. *ANPED: 30 anos de pesquisa e compromisso social*. Rio de Janeiro: Anped, 2007. v. 1. p. 1-16. Disponível: <http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT15-3203--Int.pdf>. Acessado em 10/11/2020.

MELO JUNIOR, Geovane S. O cientificismo e suas relações com o poder no conto “O alienista”: uma análise foucaultiana. *Revista Alpha*, v. 1, p. 73-80, 2016.

MENEZES, Lucianne Michelle. O alienista: doença mental ou desvio social?. *Miscelânea* (Assis. Online), v. 7, p. 1-221, 2010. Disponível: <http://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/download/693/656>. Acessado em 10/11/2020.

MIRANDA, Fabiana Ferreira Santos. *Sob a máscara da (in)sensatez: loucura e poder em crônicas e contos machadianos*. 2009. 110f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

MOREIRA, Ana Cleide Guedes. BERLINCK, Manoel Tosta. Ironia e melancolia em O alienista de Machado de Assis. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. VI, n.2, p. 99-112, 2003. Disponível: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142003000200099. Acessado em 10/11/2020.

PERROT, Andrea Czarnobay. Literatura e loucura: a Casa Verde e outras questões n'O Alienista de Machado de Assis. *Scripta*, Belo Horizonte - MG, v. 03, n.6, 2000, p. 53-60. Disponível: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/10334/11047>. Acessado em 10/11/2020.

RODRIGUES, David. *Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva*. São Paulo: Summus, 2006.

ROTTERDAM, Erasmus. *Elogio da loucura*. 3 ed. Tradução de Alexandra de Brito Mariano. Lisboa: Nova Editora Vega, Edição Bilingue, 2012.

SANDEL, Michael J. *Contra a perfeição: Ética na era da engenharia genética*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2013.

SEPTIMIO, Carolline. *Acessibilidade física e inclusão no ensino superior: um estudo de caso na Universidade Federal do Pará*. 2014. 130f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Pará. Belém/PA, 2014.

SEPTIMIO, Carolline. *Elogio da ignorância e o (não) saber docente na escola inclusiva*. 124f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis/SC, 2019.

TEÓFILO, Anna Mayra Araújo. *Direito, Literatura e 'O Alienista de Machado de Assis'*. 1 ed. São Paulo: Funjab, 2013, v. XXII, p. 268-282.

VEIGA-NETO, Alfredo José. *Foucault & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

VEIGA-NETO, Alfredo José; LOPES, Maura Corsini. Inclusão, exclusão, in/exclusão. *Verve* (PUCSP), v. 20, p. 121-135, 2011. Disponível: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/14886/11118>. Acessado em 10/11/2020.

VIEIRA-MACHADO, Lucyenne Matos da Costa; LOPES, Maura Corsini. Experiências docentes: É possível viver com o outro desde fora da inclusão. (Apresentação de Trabalho/Comunicação). In: *37ª Reunião Nacional da ANPED* – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis, 2015. Disponível: <http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT13-4314.pdf>. Acessado em: 10/11/2020.

Recebido em 02/07/2020.

Aceito em 10/11/2020.